UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO

LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS AO MULTILINGUISMO E À SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

WALLAS BIZERRA PUGAS

CODE-SWITCHING COMO UM ELEMENTO IDENTITÁRIO EM *VIVER ENTRE LÍNGUAS* DE SYLVIA MOLLOY

Brasília
Abril de 2022

WALLAS BIZERRA PUGAS

CODE-SWITCHING COMO UM ELEMENTO IDENTITÁRIO EM *VIVER ENTRE LÍNGUAS* DE SYLVIA MOLLOY

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI).

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria Isabel Edom Pires.

BRASÍLIA, DF

2022

WALLAS BIZERRA PUGAS

CODE-SWITCHING COMO UM ELEMENTO IDENTITÁRIO EM *VIVER ENTRE LÍNGUAS* DE SYLVIA MOLLOY

Trabalho de conclusão de curso submetido à comissão examinadora identificada abaixo, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI).

_____
Prof.ª Dr.ª Maria Isabel Edom Pires
(Orientadora)

_____
Prof.ª Dr.ª Fernanda Alencar Pereira
(Examinadora)

_____
Prof.ª Dr.ª Susana Martínez Martínez
(Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha orientadora, Maria Isabel Edom Pires, por aceitar me auxiliar neste trabalho de pesquisa.

Agradeço à minha família, por me lembrarem constantemente de que prazos não são infinitos.

Agradeço aos amigos em quem esbarrei durante a graduação de LEA-MSI. Sobretudo a todos que um dia integraram o grupo LeaLulu, que me permitiram fazer parte de suas vidas acadêmicas e me presentearam com doses cavalares de calor humano e boas memórias.

Também agradeço a meus companheiros de quatro patas, Bruna, Grandão, Janaína e Tadinho, por me suportarem durante os surtos de introspecção que me acometeram durante a escrita destas páginas.

Por fim, um agradecimento especial à Milena de Aquino, pela amizade e apoio durante o calvário universitário. Sua extraordinária companhia tornou tudo mais suave.

“*Afinal de contas, em que língua sou?”*
(Sylvia Molloy)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o aspecto identitário das representações de *code-switching* na obra *Viver entre Línguas* de Sylvia Molloy. Para tanto, recorre-se a uma pesquisa qualitativa visando a investigação do conceito de *code-switching*, e a elucidação da relação entre língua e identidade. Realiza-se, então, um exame dos trechos pertinentes da obra literária de Sylvia Molloy. Diante disso, verifica-se que o fenômeno linguístico em questão caracteriza os personagens retratados e distingue suas naturezas plurilíngues. Constata-se que o trabalho da autora foi exitoso em suas representações imagéticas de indivíduos que utilizam da alternância entre línguas.

Palavras-chave: *Code-switching*. Sylvia Molloy. Identidade. Plurilinguismo. Literatura.

RESUMEN

El presente trabajo tiene por objeto analizar el aspecto identitario de las representaciones del cambio de código en la obra *Vivir entre Lenguas* de Sylvia Molloy. Para eso, se aplica una investigación cualitativa, que tiene como objetivo la investigación del concepto de cambio de código y la elucidación de la relación entre lengua e identidad. A continuación, se examinan los fragmentos pertinentes de la obra literaria de Sylvia Molloy. Por lo tanto, se comprueba que el fenómeno lingüístico en cuestión caracteriza a los personajes retratados y distingue sus naturalezas plurilingües. Se concluye que la obra de la autora fue exitosa en sus representaciones imaginarias de individuos que utilizan la alternancia entre lenguas.

Palabras clave: Cambio de código. Sylvia Molloy. Identidad. Plurilingüismo. Literatura

ABSTRACT

The present paper aims to analyze the identity aspect of code-switching representations in Sylvia Molloy's Living Between Languages. Therefore, a qualitative research is conducted in order to investigate the concept of code-switching and to elucidate the relationship between language and identity. An examination of the relevant excerpts of Sylvia Molloy's literary work is then carried out. Thus, the linguistic phenomenon in question characterizes the characters portrayed and distinguishes their plurilingual natures. This evidences that the author's work has been successful in its imagetic representations of individuals who use switching between languages.

Keywords: Code-switching. Sylvia Molloy. Identity. Plurilingualism. Literature.

RÉSUMÉ

Le présent travail vise à analyser l'aspect identitaire des représentations de l'alternance codique dans Living Among Languages de Sylvia Molloy. Pour ce faire, une recherche qualitative est utilisée, visant l'investigation du concept de l'alternance codique et l'élucidation de la relation entre la langue et l'identité. Les extraits pertinents de l'œuvre littéraire de Sylvia Molloy sont ensuite examinés. Par conséquent, il est vérifié que le phénomène linguistique en question caractérise les personnages dépeints et distingue leur nature plurilingue. Il est conclu que le travail de l'auteur a été réussi dans ses représentations imagées des individus qui utilisent l'alternance entre les langues.

Mots-clés: Alternance codique. Sylvia Molloy. Identité. Plurilinguisme. Littérature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
2 CODE-SWITCHING 12
3 BUSCA POR IDENTIDADE 14
4 VIVER ENTRE LÍNGUAS 16
4.1 A OBRA EM ANÁLISE 17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 23
REFERÊNCIAS 24

1 INTRODUÇÃO

O ser humano, enquanto animal social, baseia suas interações em atos comunicativos. Através da linguagem, somos capazes de transmitir mensagens, sentimentos e ideias complexas para nossos semelhantes. Os sistemas ordenados conhecidos como línguas têm um papel central nas relações humanas que constituem a sociedade. Desse modo, ao dominar um idioma, uma pessoa se torna capaz de expressar a própria individualidade, e se torna apta a participar de interações com os indivíduos que compartilham daquele mesmo código linguístico.

Alguns sujeitos, por razões diversas, dominam mais de um idioma. Assim, alguns deles adquirem um plurilinguismo que lhes permite acessar espaços culturais diversos. É nesse contexto que se desenvolve um fenômeno linguístico exclusivo a esses indivíduos, o *code-switching*. Tal exclusividade favorece a investigação da relação entre a alternância entre idiomas e a individualidade de seus usuários.

Nesse contexto, Sylvia Molloy, escritora nascida em 1938 na Argentina, elaborou uma obra ficcional capaz de aclarar a complexa relação entre o *code-switching* e a identidade de sujeitos plurilíngues. O livro *Viver entre Línguas*, publicado pela primeira vez em 2016 na Argentina, pode ser definido como um conjunto de curtos relatos autobiográficos e ensaísticos onde a autora discorre sobre a linguagem e a própria história. Através de sua prosa, ela constrói um relato amplo e profundo sobre a singular situação dos sujeitos que, como ela, habitam mais de um território linguístico.

O objetivo geral dessa pesquisa qualitativa, com embasamento bibliográfico, é analisar a relação entre o *code-switching* e a identidade de seus usuários em *Viver entre línguas*. Os objetivos específicos dizem respeito à revisão conceitual concernente ao tema trabalhado.

Nos capítulos seguintes, efetuou-se, primeiramente, uma revisão bibliográfica relativa ao conceito de *code-switching*. Posteriormente, apresentaram-se fundamentações teóricas a respeito da relação entre língua e identidade. Em seguida, realizou-se uma análise da obra literária em questão embasando-se na literatura pertinente.

2 CODE-SWITHING

Em uma realidade onde bilhões de pessoas sob contextos idiomáticos variados interagem entre si, o estudo dos fenômenos linguísticos se mostra um imperativo. Nesse sentido, um exame da ocorrência multilíngue conhecida como *code-switching* pode esclarecer certos aspectos dos indivíduos plurilíngues.

Para Porto (2007), *code-switching* pode ser definido como o emprego alternado de mais de um código linguístico por indivíduos bilíngues em uma mesma situação interacional. Enquanto falantes monolíngues se expressam em apenas uma variante linguística durante o processo conversacional, indivíduos bilíngues também podem alternar entre códigos, ou mesmo mesclá-los, durante uma interação.

A comunicação desses sujeitos, portanto, adquire tonalidades híbridas cujos traços são determinados pelo domínio de mais de um idioma. Devido a essa característica, o *code-switching* se torna um elemento representativo das interações envolvendo pessoas plurilíngues.

Em suma, o ato de intercalar diferentes línguas durante o processo comunicativo não é uma mera extravagância, mas uma habilidade singularmente multilíngue que influencia seus usuários e os diferencia de falantes monolíngues.

Segundo Matras (2009), há uma ampla concordância na literatura especializada sobre as regularidades do uso do *code-switching*. Dessa maneira, ele não é um fenômeno considerado como arbitrário. Nesse sentido, Mozzillo (2009) afirma que as escolhas feitas por esses enunciadores seriam determinadas por fatores particulares diversos.

Devido à variedade de situações que podem ser caracterizadas como *code-switching*, ocorre certa tentação em tratá-lo como um acontecimento alheio a qualquer estabilidade. Apesar disso, os estudiosos conseguiram notar certos padrões gerais capazes de contrapor essa suposição. Nesse sentido, as inclinações de cada falante influenciarão sua relação com essa alternância entre idiomas. Razões de natureza emocional, retórica, socioeconômica, ou mesmo relacionadas com o maior conhecimento de uma língua, são alguns desses norteadores.

Todos esses critérios comprovam que os motivos que levam pessoas plurilíngues a realizar o *code-switching* não são casuais, mas sim inspirados em fatores específicos diversos. Dessa maneira, a experiência individual se impõe como um fator determinante desse fenômeno linguístico.

Apesar dessa variedade causal, as maneiras com que ocorrem as alternâncias de línguas durante o processo comunicativo se dá de maneiras semelhantes. Elementos gramaticais de idiomas diversos — sejam eles sentenças, palavras ou mesmo morfemas — podem se intercalar de maneiras aproximadamente recorrentes. De acordo com Dabène e Moore (1995), essas semelhanças entre formas de uso podem servir de base para a classificação do *code-switching* em três categorias: intra-sentencial, intersentencial e entre enunciados.

A intra-sentencial engloba mudanças entre línguas que o falante realiza dentro de uma mesma sentença. Essa alternância pode se dar tanto pela inserção de apenas um elemento, quanto por um conjunto de elementos de outro idioma na mesma frase.

Segundo Mozzillo (2009, p. 189), “o caso mais frequente é o da inserção no discurso de palavra de outra língua”. Esse intercâmbio pode realizar adaptações entre uma língua e outra, ou manter a particularidade expressiva de cada uma durante a frase. Nesse sentido, os elementos multilíngues podem ser totalmente ajustados à pronúncia e à estrutura de uma determinada língua, ou podem preservar as singularidades do idioma original.

A categoria intersentencial diz respeito às alterações de idioma que acontecem entre sentenças. O falante, durante o processo comunicativo, realiza uma mudança entre as línguas que conhece. Isso ocorre na troca de turnos entre falantes e de uma forma intermitente.

Diz Mozzillo (2009, p. 190) “Tal alternância não ocorre dentro do mesmo turno da conversação, mas em turnos próximos e dentro do mesmo tópico de conversação [...]”. Por consequência, essa mudança de idioma não resulta em uma mudança temática, e nem se dá de maneira súbita durante o enunciado do mesmo falante, mas em momentos intercalados.

Já o *code-switching* entre enunciados relaciona-se com uma categoria de alternância que se inicia quando a frase inicial declarada no idioma inicial da conversação se distancia de forma considerável da primeira frase pronunciada no segundo idioma.

Conforme Mozzillo (2009, p. 190), “O *code-switching* entre enunciados implica alternar para a outra língua após um período bastante longo de uso da primeira”. Essa categoria de mudança nos informa sobre a maneira com que indivíduos plurilíngues podem alternar os idiomas de sua conversação conforme as línguas que compartilham. Um dos elementos capazes de inspirar essa alternância é a inserção

de um novo interlocutor que não domina o idioma, outro exemplo é a mudança de tópico da conversação.

Essas transições se associam à própria individualidade dos falantes:

> Cada bilíngue atribui funções a cada código e, de acordo com diferentes parâmetros, pratica com o parceiro uma negociação contínua que permite o emprego do *code-switching* para suprir a necessidade de contínua acomodação ao encontro intercultural. (MOZILLO, 2009, p. 192).

Em síntese, o ato de realizar o *code-switching* é uma forma de se comunicar onde o enunciador se expressa alternando entre mais de uma língua. Essas alternâncias são motivadas por razões expressivas diversas. Além disso, são os próprios sujeitos que traçam seus limites.

Esse hibridismo comunicacional, que pode se manifestar de formas distintas, pode ser encontrado nos mais diversos espaços da vivência de indivíduos plurilíngues (Myers-Scotton, 1993), até mesmo no discurso entre pais e filhos (Goodz, 1989).

Nesse sentido, devido à sua larga frequência de uso, esse fenômeno linguístico se torna um elemento característico de certas relações interpessoais e comunidades. Por consequência, ao ser reconhecido como um elemento distintivo, o ato de se realizar o *code-switching* se torna uma ação capaz de caracterizar determinados indivíduos e suas vivências sociais.

Dessa forma, o conceito de *code-switching* aqui apresentado se adequa à definição de “atos de identidade” proposta por La Page e Tabouret-Keller (1985, p. 14). Segundo eles, a conduta linguística apresentada pelos falantes pode ser vista como uma série de atos de identidade através dos quais os indivíduos expressariam suas próprias identidades e suas aspirações sociais.

Assim sendo, o hábito de alternar entre línguas durante o processo comunicativo (*code-switching*), em suas diversas formas de manifestação, se torna um elemento capaz de influenciar a individualidade de seus usuários.

3 BUSCA POR IDENTIDADE

A relação de uma pessoa com os idiomas nos quais se expressa gera um impacto profundo na construção de sua individualidade. Nesse sentido, dentre os

fatores identitários comuns a pessoas plurilíngues, o *code-switching* se mostra como um elemento com influência significativa.

De acordo com Castilho (2010), é por meio da língua que revelamos os aspectos mais profundos de quem somos e de nossa relação com os outros e o mundo. Dessa forma, nossa identidade está em uma relação constante com os idiomas nos quais nos comunicamos.

Ao se expressar em determinado idioma, os indivíduos manifestam particularidades capazes de os distinguir em meio a uma coletividade. Essas idiossincrasias, entretanto, também podem demarcar as semelhanças entre pessoas de um mesmo grupo social.

O hábito de alternar entre línguas durante a conversação, por exemplo, pode ser encarado como um elemento determinante das identidades culturais de determinadas comunidades de imigrantes (GOGLIA, 2018).

Apesar disso, conforme Harmers e Blanc (2000), o processo de formação das identidades culturais de indivíduos bilíngues está sujeito a uma complexidade de fatores que vão além da escolha entre línguas. Há evidências de que o desenvolvimento das identidades culturais de pessoas bilíngues é um processo que pode ser afetado até mesmo por experiências da primeira infância. Assim, as intricadas relações envolvidas nessa constante construção expressam a natureza fluída da identidade.

Nesse sentido, Hall (2004, p. 12) afirma que “esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”. Ainda assim, pode-se dizer que esse indivíduo segue em sua tentativa de identificação, pois “tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação” (SILVA, 2000, p. 84). Para os indivíduos que utilizam o *code-switching* essa dinâmica assume certas particularidades, já que eles tendem a viver sob a influência direta de culturas diferentes.

Segundo Hall (2004), as pessoas pertencentes à contextos culturais híbridos se veem em uma situação em que a formação de suas identidades está sujeita à uma negociação entre identificações distintas. Essa característica prejudica suas tentativas de unificar a própria individualidade. Entretanto, apesar de tentarem fixá-la, a heterogeneidade de sua própria constituição lhes impõe a impossibilidade de unificação. Ao serem fruto de culturas interconectadas, esses sujeitos se dividem entre “casas” distintas.

O processo de construção da identidade é, de forma geral, um ato contínuo. Além de ser fruto de atos de criação linguística, ela não pode se tornar inteiramente fixa. Tanto a linguagem quanto a identidade, apesar de ambas poderem se aproximar disso, escapam da imobilidade. Dessa forma, ocorre um movimento que busca uma estabilização impossível (SILVA, 2000).

Ademais de estar submetida às impossibilidades inerentes à construção de uma identidade fixa, a pessoa plurilíngue tem de viver com as particularidades de sua situação culturalmente híbrida. Nesse contexto, ela busca uma estabilidade que lhe escapa.

Dessa maneira, esse indivíduo pode se ver diante de emoções conflituosas no que diz respeito à própria individualidade. Como descrito por Grosjean (1982), ao tentar unificar as particularidades de culturas diferentes, alguns sujeitos podem sentir que não pertencem à nenhuma delas. Esse fenômeno lhes confere a qualidade de marginais e, consequentemente, acarreta sensações de isolamento, desnorteamento, e ansiedades em relação à aceitação externa.

Em suma, através da língua os sujeitos expressam aspectos identitários que integram um contínuo processo de construção. É nesse contexto que o *code-switching* se mostra não apenas como um elemento expressivo da conduta linguística dos seus usuários, mas também como um influente fenômeno identitário. Já que, ao alternarem entre idiomas para se deslocar entre culturas, esses indivíduos estão expressando as próprias singularidades de sua situação híbrida.

4 VIVER ENTRE LÍNGUAS

A obra *Viver entre Línguas*, escrita pela argentina Sylvia Molloy, é um livro de difícil definição. Os curtos relatos que o compõe transitam entre o ensaio e a autobiografia. Anedotas e meditações sobre a linguagem se entrelaçam com reminiscências onde a autora tenta reconstituir o próprio passado e, em simultâneo, reflete sobre sua situação plurilíngue.

Durante a narrativa, a alternância entre línguas, conhecida como *code-switching*, é apresentada como um elemento identitário por meio do qual a artista define a si mesma e aos sujeitos de sua história. Através de seus curtos relatos, a autora tece um vasto panorama onde diversas situações plurilíngues expressam certas particularidades desse fenômeno linguístico e dos indivíduos que o produzem.

4.1 A OBRA INVESTIGADA

No capítulo “Romance Familiar”, Sylvia Molloy traça um panorama linguístico de sua família. É dito que sua avó paterna, imigrante inglesa na Argentina, tinha dificuldades em falar o espanhol. Essa dificuldade parece se refletir em uma espécie de hostilidade. Dessa forma, o pai de Sylvia passa a alternar entre espanhol e inglês conforme o círculo familiar em que se encontra. O espanhol se torna a língua do espaço íntimo formado pela mulher e pelos amigos, enquanto o inglês se restringe à comunicação com a mãe e as irmãs.

Quando o falante plurilíngue elege um idioma, ele também está intermediando as identidades linguísticas que o constituem. Já que, como afirma Hall (2004), esse sujeito culturalmente híbrido tem de transitar entre espaços identitários distintos, mesmo que interconectados. Dessa maneira, o ato de alternar entre línguas se torna uma ação transicional cujas consequências se refletem em suas próprias relações interpessoais.

Mais adiante nesse mesmo capítulo, por exemplo, a autora reflete sobre sua dificuldade em relembrar com exatidão em qual idioma ela, quando criança, falou com a avó pouco antes desta falecer. “Esta lembrança, este não saber em que idioma falei com ela, não me abandona” (MOLLOY, 2018, p. 8). Essa imprecisão linguística a acompanha e a aflige ao ponto de ela retomá-la em seus escritos. Em ambas as possibilidades imaginadas, o ato de escolher falar ou não determinada língua gera consequências emocionais diversas. Assim, mesmo em suas memórias, o sujeito plurilíngue está à mercê das negociações implícitas ao *code-switching*.

Logo no capítulo seguinte, chamado “Aprendizados”, uma imagem linguística da mãe é delineada. A mãe de Sylvia é a única monolíngue da família. Apesar de ser filha de pais franceses, ela não pode realizar o *code-switching* que Goglia (2018) destaca como caraterística de comunidades de imigrantes. Essa delicada situação traz vergonha à filha, que a considera “[...] como que padecendo de um mal incurável” (MOLLOY, 2018, p. 9). Nisso, ao se recusar a também ser vista como monolíngue, a jovem Sylvia alterna sua fala para o inglês na tentativa de se reafirmar como plurilíngue.

Essa imagem da mãe enquanto monolíngue, entretanto, não lhe agrada. Ela se recusa a realizar uma descrição que subestime o “semilinguismo” da própria

progenitora. Dessa forma, ao considerar o *code-switching* um traço inequívoco de plurilinguismo, a autora apresenta uma situação na qual a mãe supostamente o performou. Apesar de fazê-lo com certa relutância, é dessa maneira que ela tenta criar uma identidade materna menos desamparada, e mais próxima de si.

Em “Perda”, há um detalhamento dos acontecimentos que favoreceram o monolinguismo da mãe. Durante a infância, as crianças mais velhas foram ensinadas a falar o francês dos pais. Depois de um tempo, entretanto, o monolinguismo foi imposto no seio familiar e o francês se perdeu. Dessa maneira, a autora descreve como se impôs a obrigação de aprender essa língua em nome da mãe.

Durante as aulas de francês, realizadas na antiga casa da família, a jovem Sylvia e sua irmã recorriam ao *code-switching* na tentativa de “acertar” termos franceses através de palavras em espanhol. Ao recordar esse fato, entretanto, ela destaca um fato curioso. Todas as palavras que ela consegue recordar dessas ocasiões se relacionam com o espaço caseiro, mas o ato de alternar entre idiomas abala essa associação. “Essa mistura, o ir e vir, o *switching* pertence ao domínio do *unheimliche* que é, justamente, o que abala a fundação da casa” (MOLLOY, 2018, p. 12).

Assim sendo, ela, enquanto sujeito plurilíngue, reconhece seu estado de não pertencimento. Tal qual descrito por Grosjean (1982), essa percepção de não pertencimento se origina da impossibilidade desses indivíduos conciliarem identidades culturais distintas. Por conseguinte, ao se associar a um estado de impermanência onde a indicação de uma única identidade seria impossível, o indivíduo linguisticamente híbrido se vê refletido na dinamicidade implícita no *code-switching*.

Um pouco mais adiante, no capítulo chamado “Território”, o tema da imposição do monolinguismo é retomado. Dessa vez, no ambiente escolar, realizar o *code-switching* em um momento inoportuno se torna um ato não apenas proibido, mas também passível de punição. Nesse espaço de educação bilíngue, onde o inglês ocupa o topo da hierarquia linguística, há um momento do dia em que ser pega falando em espanhol implica castigo. Se, durante as manhãs anglófonas, uma aluna for três vezes pega falando espanhol, ocorre uma expulsão. Entretanto, na outra parte do dia, quando o espanhol se torna a língua de foco, realizar a alternância de línguas é tratado com indiferença.

Apesar dessa medida, o *code-switching* das alunas plurilíngues se impõe. Entre as estudantes, por exemplo, as piadas de cunho sexual são contadas em inglês, mas os termos menos pudicos são ditos em espanhol, a língua banida. Por outras palavras, a alternância para o espanhol se torna uma ferramenta de dupla transgressão através da qual as alunas reiteram a própria identidade hispanófona frente à repressão linguística. Em síntese, realizar o *code-switching* se torna uma forma de resistência identitária.

Nesse mesmo capítulo, a autora narra como essa hostilidade em relação ao *code-switching* se estande ao seio familiar. Os pais da autora não apenas aprovavam as severas medidas escolares, como também recriminavam as filhas quando essas "misturam" os idiomas em casa. Apesar disso, as irmãs rompem com a imobilidade dessa divisão linguística através da adoção da mudança de códigos como uma espécie de idioma secreto. Dessa forma, as duas combatiam uma fixidez que não lhes é própria. Se, como diz SILVA (2000), a identidade nunca pode ser fixada, então a identidade dos sujeitos plurilíngues, constituída por identificações várias, é ainda mais avessa a qualquer estabilidade que lhe seja imposta.

Isso se evidencia em um momento posterior, onde a narradora descreve duas mulheres que observou realizando o *code-switching*. "Penso: essas mulheres devem ter ido ao mesmo colégio que eu, e agora que seus pais não estão ouvindo, misturam" (MOLLOY, 2018, p. 16). A associação que ela realiza entre a própria situação e a das mulheres reforça o alternar entre línguas como um elemento passível de identificação entre sujeitos não monolíngues.

No capítulo "Liberdades", a autora conta um acontecimento que também exemplifica o estigma em relação ao *code-switching*. É dito que, em Nova York, uma funcionária consular peruana reprova certa conduta linguística de mercadores indígenas provenientes de países andinos. Essa reação, além de conotar certo preconceito linguístico, expressa a natureza indomável do *code-switching*. "[...] 'esses aí passam direto do quéchua para o inglês', parece que ela diz, com desprezo" (MOLLOY, 2018, p. 25).

Para a funcionária consular, acostumada a lidar com episódios de ordem e regulação, a frequência e naturalidade com que aquelas pessoas alternam entre idiomas se apresenta como uma transgressão. Nesse sentido, Mozzillo (2009) afirma que os fatores que determinam esse fenômeno são definidos por uma variedade de princípios particulares. Logo, as regras que determinam essa alternância escapam do

controle de órgãos governamentais na medida em que seus limites, e critérios, são um reflexo dos próprios sujeitos que a efetuam. De acordo com Mozzillo (2009, p. 187), “ao pressupor a liberdade dos falantes individuais, apresenta-se como um dispositivo empregado de forma criativa pelos bilíngues”.

Em “Reconhecimento”, a autora conta um fato curioso envolvendo uma amiga bilíngue que sofre de Alzheimer. Antes da doença, ela não apenas dominava o espanhol e o inglês como também podia alternar entre elas no meio da conversa. Entretanto, depois da enfermidade, ela ainda era capaz de falar esses idiomas, mas não podia mais intercambiá-los como antes. “Quer dizer, não consegue mais fazer o switch como qualquer bilíngue, fica colada na língua em que a conversa começou [...]” (MOLLOY, 2018, p. 37). A partir desse ponto, a mulher não é mais capaz de realizar um hábito que lhe era próprio.

Dessa forma, tal qual o conceito de “atos de identidade” elaborado por La Page e Tabouret-Keller (1985), a mulher não é mais capaz de emular a mesma conduta linguística por meio da qual sua identidade se manifestava antes da enfermidade. Como resultado, ao esquecer um aspecto tão expressivo de si mesmo, não estranha que, mesmo que consiga iniciar conversas nos dois idiomas separadamente, ela se mostre perturbada: “[...] vi o desassossego em seus olhos [...]” (MOLLOY, 2018, p. 37).

A dificuldade de unificação das distintas identificações culturais de indivíduos plurilíngues é ilustrada no capítulo “Mansões Verdes e Terras Púrpuras”. Nele, a autora descreve a complexa situação cultural do escritor argentino William Henry Hudson. Perdido entre a língua do país onde nasceu e a língua onde foi educado, esse escritor parece ter tentado se autoproclamar um escritor inglês.

Apesar dessa tentativa, os dados biográficos e certas anedotas expostos na narração de Sylvia Molloy provocam dúvidas sobre o sucesso desse empreendimento. Em outras palavras, enquanto plurilíngue, Hudson nunca conseguiu parar de realizar o *code-switching*. Isso se manteve como uma prova de que sua personalidade nunca pôde abandonar seu hibridismo e seu não pertencimento. Como afirma Silva (2000), a despeito de qualquer inclinação particular, a identidade nunca pode ser estabilizada. “Durante a conversa intercalava o uso da língua nativa, diz um crítico, ou seja, como muitos de nós, *switcheava*. Mas qual era essa língua nativa?” (MOLLOY, 2018, p. 39). Essa alternância permanece como um indício de que sua identidade, a despeito de sua ambição, não pôde fixar-se em um único espaço linguístico.

O relato “Para Não Perder o Fio da Meada” retoma a contraditória figura de Hudson. É dito que, mesmo escrevendo, esse escritor argentino recorria ao *code-switching* quando não conseguia se lembrar de um termo em inglês. Para não perder o fio da meada de sua narrativa, ele provisoriamente substituía a palavra esquecida por uma em espanhol.

Nesse sentido, apesar das pretensões que Hudson tinha de se tornar um escritor inglês, o espanhol mantinha a soberania de seu espaço linguístico, e se externava por meio da alternância linguística da qual o escritor não podia se desvincular. “Acho que eu teria gostado de ver aqueles rascunhos de Hudson [...], marcado por um vaivém linguístico do qual todo escritor bilíngue é refém” (MOLLOY, 2018, p. 44).

Em “Voo Direto”, há um contraponto à concepção de *code-switching* como um ato destituído de inquietude. A autora descreve um fugidio estado de angústia que precede a alternância de uma língua à outra. Uma espécie de vazio que costuma antecipar a transição.

Em suma, essa sensação diz respeito a uma súbita perda de controle em relação à qual será o próximo idioma expresso. Em outras palavras, há um lapso temporal onde outra língua tenta se impor e preencher o vazio linguístico que se apresenta.

A súbita mudança de idioma, entretanto, traz recordações relativas à situação identitária daquele falante. Como afirma Hall (2004), a heterogeneidade cultural fragmenta o indivíduo plurilíngue em “habitações” distintas. Assim sendo, a imprevisibilidade do *code-switching* é desconfortável na medida em que lembra ao sujeito plurilíngue sua própria situação de habitante de mundos linguísticos diversos. “Penso, logo escrevo: se perder o ponto de apoio, perco minha casa” (MOLLOY, 2018, p. 42).

Por fim, o tema da associação entre *code-switching* e a sensação de constante deslocamento é discutido em “Ou Calvo Ou Duas Perucas”. Por meio da figura do escritor estadunidense Calvert Casey, Sylvia Molloy ilustra a maneira com que a alternância linguística pode ser considerada uma mácula pelo indivíduo que o realiza na medida que o recorda da própria situação de não pertencimento.

Segundo a autora, na própria obra de Calvert são encontradas alusões constantes ao deslocamento. Ela destaca como essa condição traspassa até mesmo os dados biográficos do autor.

Posteriormente, ao refletir sobre as trágicas circunstâncias de sua morte em Roma, Sylvia Molloy não consegue repelir certo pensamento intrusivo. “[...] imagino que se joga do andar mais alto de um prédio, como quem precisa finalmente aterrissar em algum canto” (MOLLOY, 2018, p. 48).

Ao sentir o estigma advindo de sua situação de não pertencimento, o falante plurilíngue fica tentado a esconder sua condição de habitante de outra língua. Ainda mais que, segundo Grosjean (1982), a impossibilidade de habitar culturas distintas pode provocar sentimentos negativos como solidão e desorientação nesses indivíduos. Apesar disso, mesmo que o processo de dissimulação linguística consiga mascarar seu hibridismo aos olhos externos, esse sujeito nunca poderá fugir do vaivém que lhe constitui.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro *Viver entre Línguas* é efetivamente uma reunião de vivências comuns a pessoas plurilíngues. Ao final desse breve percurso em que foi analisada a associação entre o *code-switching* e a identidade, procurou-se mostrar que os escritos de Sylvia Molloy representam um variado espectro de experiências identitárias compartilhadas por indivíduos cujas práticas linguísticas se dividem entre idiomas distintos.

Através de um sucinto recorte bibliográfico da literatura referente aos conceitos trabalhados, concluiu-se que o fenômeno linguístico examinado se vincula de maneira explícita com características individuais dos seus usuários. Dessa maneira, constatou-se que, na obra literária examinada, o *code-switching* se apresenta como um elemento por meio do qual os sujeitos plurilíngues expressam e personificam aspectos característicos de sua situação linguística e ontológica.

Percebeu-se também que o perfil dos sujeitos que costumam alternar entre línguas apresentado em *Viver entre Línguas* é traspassado por certos elementos recorrentes. As principais dessas características são: a impossibilidade de fixar-se em um único espaço linguístico; a constante sensação de não pertencimento; e o costume de atribuir valorações distintas à cada idioma que expressa.

Ao fim, reconhece-se a capacidade expressiva do trabalho de Sylvia Molloy e a potencial contribuição de sua obra para os estudos relativos à identidade de indivíduos plurilíngues, mais especificamente no que concerne ao fenômeno linguístico conhecido como *code-switching*.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova Gramática do Português Brasileiro.** São Paulo: Editora Contexto, 2010.

DABÈNE, Louise; MOORE, Danièle. Bilingual speech of migrant people. In: MILROY, L.; MUYSKEN, P. **One speaker, two languages. Cross-disciplinary perspectives on code-switching.** Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

GOGLIA, Francesco. CODE-SWITCHING and immigrant communities: the case of Italy. In: **MANUALS of Romance Linguistics.** Berlin/Boston: De Gruyter, 2018. v. 18, cap. 26, p. 702-723.

GOODZ, N. S., (1989). Parental language mixing in bilingual families. **Infant Mental Health Journal,** 10, 25–44.

GROSJEAN, F. **Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism.** Cambrigde: Harvard University Press, 1972.

HAMERS, Josiane F.; BLANC, Michel A. **Bilinguality and Bilingualism.** 2nd edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LE PAGE, R.B.; TABOURET-KELLER, A. **Acts of identity: creol-based approaches to language and ethnicity.** Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

MATRAS, Yaron. Crossing the boundaries: codeswitching in conversation. In: **LANGUAGE Contact.** New York: CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2009.

MOLLOY, Sylvia. **Viver entre línguas.** Belo Horizonte: Relicário, 2018.

MOZZILLO, Isabella. O code-switching: fenômeno inerente ao falante bilíngue. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico, v. 19**, n. 1, p. 185-200, 2010.

MYERS-SCOTTON, Carol. 1993. **Social Motivations for Code-switching. Evidence from Africa.** Oxford: Clarendon Press.

PORTO, Renata Sobrino. Os estudos sociolingüísticos sobre o code-switching: uma revisão bibliográfica. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol. 5**, n. 9, agosto/2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. p.73-102.